

coleção  
poesia  
viva

## ALTA NOITE

DONIZETE GALVÃO

CENTRO CULTURAL SÃO PAULO



**ALTA NOITE**

DONIZETE GALVÃO

## SILÊNCIO

De pedra ser.  
Da pedra ter  
*o duro desejo de durar.*  
Passem as legiões  
com seus ossos expostos.  
Chorem os velhos  
com casacos de naftalina.  
A nave branca chega ao porto  
e tinge de vinho o azul do mar.  
O maciço de rocha,  
de costas para a cidade  
sete vezes destruída,  
celebra o silêncio.  
A pedra cala  
o que nela dói.

## JOSÉ

*Ah, Anhangá me fez sonhar  
com a terra que perdi.*

(Em *O canto do pajé*, de Heitor Villa-Lobos e C.  
Paula Barros)

Grito espremido.  
Seixo perfeito  
com sono no leito do rio.  
Dito não dito que roça  
um céu de ametista.  
Onde o fundo  
deste poço de granito?  
Onde o infinito,  
a luz do sol do Egito?  
Tampa de pedra  
sobre carnes de René.  
Olhe, ainda que cego,  
o reino que já foi seu.

## ORÁCULO

*Para Willy Corrêa de Oliveira*

dance a dança do grou diante dos labirintos  
o fio tecido de lágrimas e gestos  
o sacrifício diante do poço

nenhum barco a visitará em naxos  
nem açucenas brotarão das rochas

dance o equilíbrio do instante  
que o olhar de um deus  
transforma carne em cinzas  
e seu corpo – estranho fruto –  
irá pender da figueira  
um dia

## ARTE POÉTICA

A língua da vaca  
lambe com gosto  
o sal do cocho  
e se não há mais sal,  
a memória do sal  
a madeira, o cocho,  
até que tudo fique  
polido por sua lixa.

A língua da vaca  
recolhe com agrado  
o restolho mijado  
de rato do fundo do paiol  
e mói, remói e tritura  
o milho e a palha dura,  
até que flores de espuma  
brotem no canto da boca,  
com suave perfume de leite.

A língua da vaca  
lambe a cria trêmula,  
num banho batismal,  
e engole o mosto,  
a gosma amniótica,  
e a lamberá ainda,  
quando quase novilha  
exibir a filha  
pústulas no lombo.

## OS SENTIDOS DA PEDRA

Quem diz sim à pedra  
e com gestos exatos  
aninha suas arestas  
no intervalo das costelas?

Quem ainda sente nela  
o odor da pele humana  
e vê o sangue pisado  
das escaras dos ombros?

Quem não percebe na pedra,  
fragmento de cordão umbilical,  
o despojo deixado pelos deuses  
na luta que inaugura a geografia?

Quem diante dessa força bruta,  
batida por séculos de vento,  
não ouve aquele primeiro sopro  
vindo de onde ninguém tocou?

## ANEL CAUCASIANO

Olha para o anel de ferro  
e mantém acesa a lembrança.  
Lembra-te dos dez mil anos  
no miolo escuro do rochedo.  
Lembra-te, depois, da visitante  
e do barulho de suas asas.  
Lembra-te da humilhação  
de revelar o que era segredo.  
Lembra-te de tudo  
antes que todos se esqueçam dessa história  
e, mero acidente geográfico,  
reste apenas a montanha de pedra.

## ESCOICEADOS

Meu pai e eu  
nunca subimos  
num alazão  
que galopasse  
ao vento.  
Tínhamos  
um burro  
cinza malhado:  
o Ligeiro.  
Foi apanhado  
de um conhecido  
por ninharia.  
Chegou com fama  
de sistemático,  
cheio de refugos.  
De trote tão curto  
que dava dor  
nas costelas.  
De certa vez,  
caímos do burro.  
Meu pai e eu.  
Eu e meu pai.  
Embolados.  
Joelhos esfolados  
no pedregulho.  
Levamos  
bons coices.  
Meu pai e eu.  
Os dois  
nunca subimos  
na vida.

## O GRITO

O porco guincha  
e sob a pata dianteira  
sai a golfada de sangue  
que enche a bacia.

Horas depois,  
pronto o chouriço,  
comemos o sangue preto,  
as tripas, o grito.

## RUMINAÇÕES

Nunca saí dessa roceira Minas  
que nos dá aflição e dor como herança.  
Lamaçal de bosta de vaca  
no curral bem em frente da casa.  
Cheiro de leite azedo nos latões  
e de óleo queimado para expulsar bernes.  
Jardins de dália e corações magoados,  
chá de consolda e escaldados de quirera.  
A avó socando o arroz no pilão,  
preparando decoada para o sabão  
ou com rodilhas para o feixe de lenha.  
Compras sem um item supérfluo  
anotadas nas cadernetas de armazém.  
Terras tomadas por sapé e sorocaba  
e vendidas para pagar promissórias.  
Vidas acanhadas atrás de janelas  
na cidade que não definha nem prospera.  
Rancores cultivados durante anos,  
as mesquinhas de parentes.  
Amor ressabiado, apenas sugerido,  
abraços sem calor, corpos com arestas.  
Podem dar-me asas, cheques de viagem,  
mandar-me para velejar em Bizâncio.  
Recolho, rumino e regurgito  
a aspereza daqueles dias.  
Rejeito sua rica hospedagem.  
Sou um estranho em suas festas.  
Nunca saí desse círculo de ferro.  
Nunca saí dessa Minas que não termina.



## CISTERNA

Água parada de poço.  
Só um feixe de luz da lua  
vem tocar-lhe a superfície.  
Não mais se ouve  
a música da carretilha.  
Não mais se ouve  
o balde batendo nas paredes de tijolos  
e a água a se derramar.  
Ninguém mais lava o rosto  
e a bebe com sofreguidão.  
Água parada de poço:  
ambos estamos estáticos,  
imersos  
no negrume da noite.

## SOLITUDE

Juntos, em solitude.  
Cada qual com sua chaga.  
Cada qual com sua cruz.  
Dois corpos ardentes tão próximos,  
separados pela geografia  
que a mágoa desenha.  
Entre os braços,  
interpõem-se  
desertos, salinas e dunas.  
O amor morreu?  
Não. Condenou-se.  
Soterrou-se em veios  
de duro e negro minério.  
Duas árvores cujas raízes  
trançaram-se rumo ao fundo.  
Que frutos falhos e ásperos  
nessas mãos antes tão íntimas,  
que, mesmo durante o sono,  
permanecem bem fechadas.

## O SACRIFÍCIO

Ouve o barulho das chaves.  
Ouve o barulho das portas.  
Ouve o sapateado  
dos emissários da escuridão.

Cento e sete passos  
    e um baque.  
Cento e sete passos  
    e o silêncio.  
Cento e sete passos  
    e seus pés  
        pensos  
            sobre o vazio.

## SERENATA PARA SOPHIE VON KÜHN

*Noite alta, céu risonho.*  
Areia da insônia nos olhos.  
O guarda-noturno varre as folhas  
amarelas que caíram na rua.  
Quantas folhas de outono  
haverá ainda por varrer?  
Quantas vezes irá supurar  
e cicatrizar a ferida do fígado?  
A canção das cerdas da vassoura,  
que riscam a dureza do asfalto,  
fará desabrochar, por fim,  
a ansiada Flor Azul?

## OBJETOS

Agora,  
homens são coisas,  
badulaques pendurados  
como galinhas na peia,  
pelas feiras,  
de cabeça para baixo  
à espera de compradores.

Agora,  
mercadorias têm vida própria  
Saracoteiam quinquilharias  
diante dos homens-coisas  
que continuam  
com os pés atados  
e os bicos ávidos.

## FIGAN TA PEDIA

Somos homens de frágil arquitetura,  
tessitura de finos fios de vidro,  
renda tramada por aranhas  
que o trêmulo de uma voz  
põe a perder em um segundo.  
Que saudade de paisagens,  
onde pés humanos não pisaram.  
A caminho de que Ítaca  
branca e rochosa nos perdemos?  
O mar recusou nossas oferendas.  
O barco nos deixou nessa praia.  
Essa música que dói na carne,  
de que tempo esquecido nos vem?  
Em que escarpa, cama de hospital  
ou prisão invisível estão os amigos?

## FIGOS

cesta de figos maduros  
exatos na sua configuração

atente-se para os veios roxos  
a camada de pó sobre a pele

tire a áspera membrana:  
surge a derme branca  
a polpa violácea  
florescência íntima  
secreta granulação

a maturidade é experimento  
breve

ontem a base ainda vertia leite  
amanhã a carne estará macerada

devore-a agora  
na última estação

um dia  
ela poderá amanhecer seca  
nua  
morta

## CRINAS

*Amei um cavalo – quem era? – ele me olhou  
bem de frente, sob suas crinas.*  
Saint-John Perse

Amou um potro baio,  
bicho em cujo frêmito  
de aguda animalidade  
o vigor do sangue corria.

Amou um cavalo cego,  
que teve o olho vazado  
pela ponta de um prego  
na triste hora da doma.

Amou um cavalo morto,  
que, em sonho, o visita.  
Nos seus ombros,  
carrega a sina dele e do cavaleiro  
que já não mais existe.



## DOMÍNIO DA NOITE

Eis sua fazenda:  
o reino das luzes apagadas.  
Quando a noite vira madrugada,  
quando as sombras dançam no quarto,  
quando os corpos ressonam,  
as palavras chegam para visitá-lo.  
Querem espezinhar seu corpo  
e fincam espinhos no colchão.  
Em vão, tenta pegar no sono.  
Inventa imagens de ipês na serra,  
finge poses que revelem repouso.  
As palavras sibilam e serpenteiam.  
Oxum se ergue do negror dos lagos.  
Os chorões, como xilogravuras,  
bebem as águas da margem.  
Grilos, rãs, corujas e cães  
anunciam a hora da caçada.  
Há que pegar as palavras, acorrentá-las,  
fazer delas um amálgama sintático,  
antes que, como neblina,  
se desfaçam sob a luz da manhã.  
Carece embolar-se com elas,  
rolar no negrume da noite,  
deixar que, tinhosas, nos levem  
para ribanceiras e cavernas.  
Ainda que poucas restem no embornal,  
mesmo assim, há que bendizê-las  
e esperá-las com a fisga afiada  
e a carne exposta, isca na escuridão.

## SUBSOLO

Cerre os olhos e lembre-se  
da colônia de escorpiões,  
com seu voltaico emaranhado de peçonhas.  
sob a pilha de tijolos.

Cerre os olhos e lembre-se  
das formigas que devoraram a carne  
e deixaram o branco de ossos, cartilagens,  
destroços de uma ave sob a luz da lua.

Cerre os olhos e lembre-se  
dos caranguejos de veludo  
que escalam madeiras podres,  
flores da estufa do porão.

Cerre os olhos e deixe  
que seu corpo sobre o lençol  
seja levado por vinte e nove bichos.  
em procissão, pelos buracos da noite.

## NIGREDO

*Farão de você uma espécie de sombra,  
mas uma sombra que deseja a vida e nunca morre.*  
Cesare Pavese

Há muito habitas  
um reino escuro  
onde te imaginavas  
apenas hóspede.

Cadê o júbilo  
ao avistar o mar  
e quando sentias  
o cheiro da maresia?

No reino escuro  
não há memória  
dos dias de luz  
com sol a pino.

Entre sombras  
guardas o núcleo  
de tua nódoa,  
pedra de aluvião.

Não te escapas  
da obra em negro,  
purgatório infindo  
de suas feridas.

### **SOBRE O AUTOR**

Donizete Galvão nasceu em Borda da Mata, Sul de Minas, em 1955. Kursou a Faculdade de Administração de Empresas de Santa Rita do Sapucaí e, em São Paulo, fez jornalismo na Cásper Líbero. Trabalha como jornalista e publicitário. É casado com Ana Tereza Marques e pai de Bruno (1984) e Anna Livia (1992). Desde 1979, reside em São Paulo. Publicou, entre outros, os livros de poesia Azul navalha (Queiroz, T. A.; Editor, São Paulo, 1988. Prêmio APCA de autor revelação e indicação ao prêmio Jabuti), As faces do rio (Água Viva, São Paulo, 1991), Do silêncio da pedra (Arte Pau-Brasil, São Paulo, 1996), A carne e o tempo (Nankin Editorial, São Paulo: 1997. Indicação aos prêmios Jabuti e Ciudad de Madrid, em 1998), Ruminaciones (Nankin Editorial, São Paulo, 1999) e O homem inacabado (Dobra Editorial, São Paulo, 2010).



**Prefeitura de São Paulo** Gilberto Kassab  
**Secretaria de Cultura** Carlos Augusto Calil

**Centro Cultural São Paulo | Direção Geral e Divisão de Curadoria e Programação** Ricardo Resende **Divisão Administrativa** Gilberto Labor e equipe **Divisão de Acervo, Documentação e Conservação** Márcia Augusto Ribeiro e equipe **Divisão de Bibliotecas** Waltemir Jango Belli Nalles e equipe **Divisão de Produção e Apoio a Eventos** Luciana Mantovani e equipe **Divisão de Informação e Comunicação** Janete El Haouli e equipe **Divisão de Ação Cultural e Educativa** Alexandra Itacarambi e equipe **Coordenação Técnica de Projetos** Priscilla Maranhão e equipe

**Alta noite | Coleção Poesia Viva Autor** Donizete Galvão **Coordenação Editorial** Claudio Daniel (Curador de Literatura do CCSP) **Conselho Editorial** Heloísa Buarque de Hollanda, Leda Tenório da Mota, Maria Esther Maciel, Antônio Vicente Seraphim Pietroforte e Luiz Costa Lima **Projeto Gráfico CCSP** Adriane Bertini **Impressão** Gráfica do CCSP

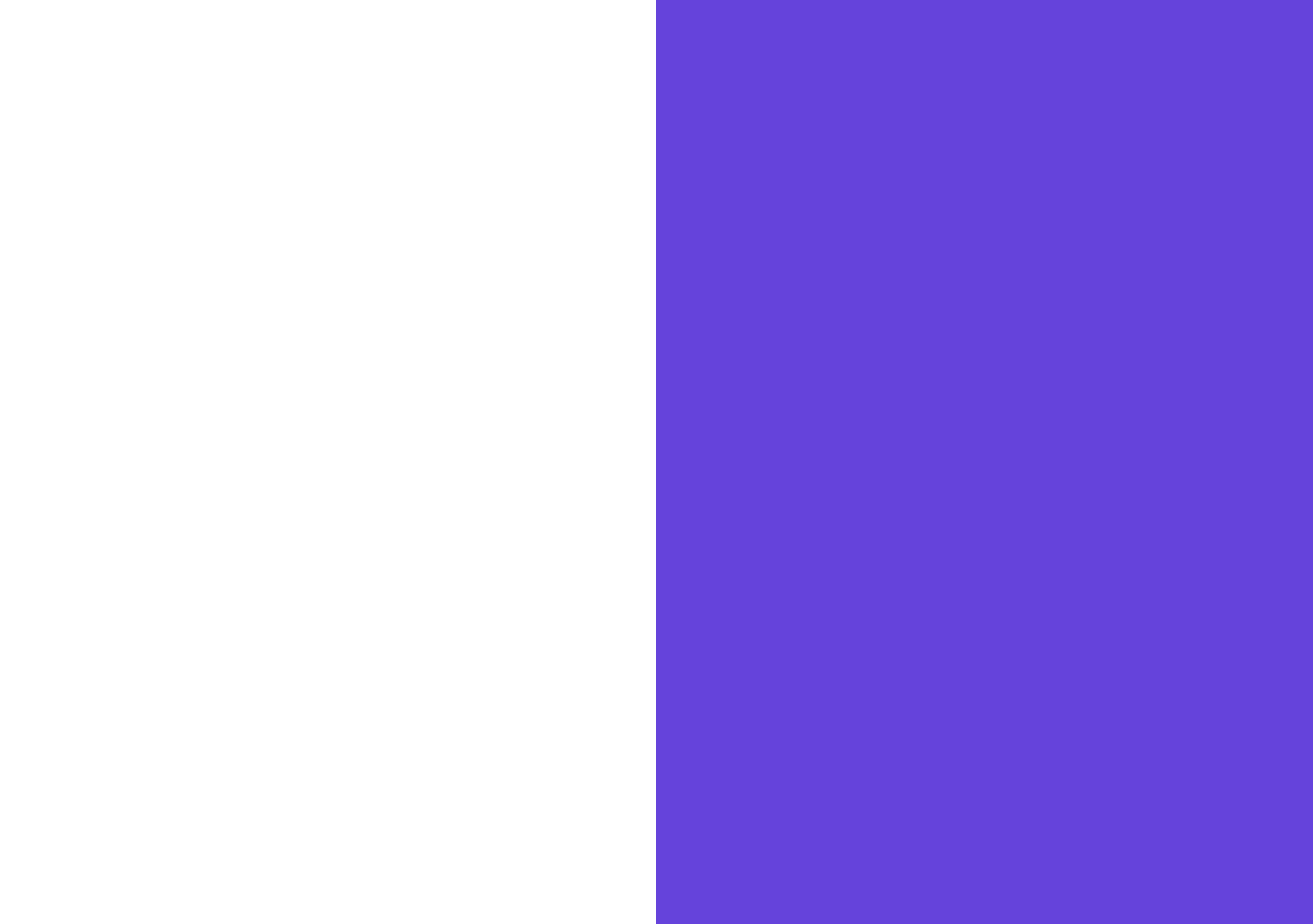
**COLEÇÃO POESIA VIVA**

**distribuição:** gratuita, no CCSP

**tiragem:** 800 exemplares

**São Paulo, 2011**

**isbn:** 978-85-86196-40-9





[WWW.CENTROCULTURAL.SP.GOV.BR](http://WWW.CENTROCULTURAL.SP.GOV.BR)  
R. Vergueiro, 1000 / CEP 01504-000  
Paráíso / São Paulo SP / Metrô Vergueiro  
11 3397 4002  
[ccspl@prefeitura.sp.gov.br](mailto:ccspl@prefeitura.sp.gov.br)